

OLHOS NOS OLHOS

um poema elementar

Pedro Calapez

O que morreu morto está.

De amar vem a vida.

Não sei quem me diz, o quê?

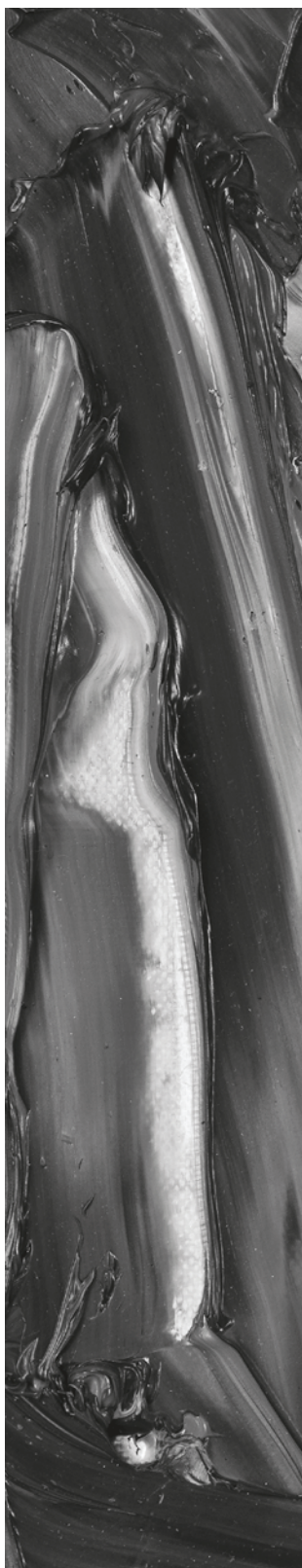
Como? Onde ou quando?

Agora o amor não é nada? Ou é tudo?

Água? Fogo? Bem?

Mal? Vida? Morte?

CASA MUSEU MEDEIROS E ALMEIDA
6 DE NOVEMBRO A 21 DE DEZEMBRO, 2018 LISBOA



O espaço de exposição na Casa Museu da Fundação Medeiros e Almeida é para mim um espaço de dupla representação. O que nas suas salas se expõe foi em tempos objecto dum vivido quotidiano que através de cuidada e saturada encenação museológica, afirma uma vida de sucesso. As obras de arte compradas e colecionadas por Medeiros e Almeida, para desfrute e certamente prestígio pessoal, são de seguida feitas colecção de arte, perpetuando esse sucesso no futuro. Constituída por objectos, mobiliário, artefactos ou obras de arte de notável qualidade estética (qualidade que transcende a legitimação que sociedade da época lhe confere) desvendam um olhar que se deslumbra pela minúcia do detalhe, artifícios de execução, ambientes de excelência. Os relógios, os vasos em porcelana, as pratas, os biombos e contadores, que se continuam em objectos possuidores de um “estatuto”, como nas pinturas e esculturas de mestres de diferentes épocas, demonstram um olhar eclético, que se afirma na decisão e possibilidade de adquirir, expressando um espírito de colecionador atento no alargar e completar as suas diversas colecções.

Esta casa foi habitada, mãos afagaram mesas e cadeiras, corpos se tocaram, livros foram abertos. A constatação dum espaço vivido, transformado posteriormente em espaço de exposição, levou-me a criar uma série de obras, num discurso autónomo. A sua colocação neste espaço confronta os possíveis percursos e as salas onde se encontram. O deambular do visitante vacila entre a impertinência dos objectos intrusos e a estabilidade dos consagrados. Num processo de comunhão interferente com a estabilidade da demonstração museológica manifesta-se assim um diálogo dependente intimamente do nosso olhar.

É esse diálogo que me fez pensar em Grünewald. A pintura de Matthias Grünewald (1470-1528) é extremamente expressiva e dramática, paradoxalmente teatral e por vezes estática. Usa a cor numa extensa paleta explorando fortes contrastes ou tonais acordes sendo tão expressivo nesta como no desenho. Nas cenas que representa encontro peças de um jogo em que as personagens criam uma encenação através de gestos e visões. Do “interior” da sua pintura surgem deambulações que não atingem directamente o espectador mas inevitavelmente o colocam como um elemento da imagem. Ao procurarmos perceber porque determinados olhares não se fixam no nosso é o que permite penetrar no interior da pintura. Neste confronto com o olhar do outro procuramos perceber se este se fixa no nosso. Mas são os olhares laterais ou dissimulados que progressivamente conduzem aos “olhos nos olhos”. A suposição de que o próprio pintor se auto-retrata em diversas das suas obras (opiniões divergem pois pouco se sabe sobre a vida de este artista) pode conduzir-nos a outro estado, ao do contacto com o pintor dentro da sua própria pintura. Recordo o livro “Do Natural, um poema elementar” de W.G. Sebald onde no primeiro poema da trilogia se aborda a vida e obra de Grünewald, desenvolvendo-se inesperadas situações.

A cara do desconhecido

Grünewald está sempre a aparecer na sua obra

Muito antes disso

já a dor passou para os quadros.

a degradação da vida prossegue

lentamente e entre o golpe

de vista e o levantar do pincel

A imersão no espaço do representado, seja qual for a técnica e suportes utilizados, acontece na íntima relação do olhar com aquilo que vê, para dentro e para fora do quadro.

Passar da pintura ao espaço onde ela se encontra é o movimento seguinte. O espaço de exposição é produto do cruzamento de olhares e sensações dum imaginado mundo paralelo que se descobre dentro e fora de uma pintura. É um espaço pictural gigante, pleno de detalhes onde se penetra no desconhecido “caminho para o mundo que nenhum outro percorreu senão o homem desaparecido sem deixar rasto.”

As citações no texto são do livro
“Do Natural”. W.G. Sebald.
Assirio e Alvim Editores, Lisboa.
Tradução de Telma Costa.

PEDRO CALAPEZ, OUTUBRO 2018

What has died is dead.

From loving comes life.

Who says what, how where or when?

How is love; nothing? Or all?

Water? Fire? Good?

Evil? Life? Death?

EYE TO EYE

an elementary
poem

Pedro Calapez

For me the exhibition space in the Casa Museu da Fundação Medeiros e Almeida is a place for double representation. What is exhibited in its halls was once the object of a daily life that through a careful and saturated museological staging presents a life of success. The works of art bought and collected by Medeiros e Almeida, for his own prestige and personal enjoyment, are then made into an art collection, thus perpetuating this success in the future. This collection, made up of objects, furniture artefacts and artworks of a remarkable quality (which goes beyond the legitimate status granted to it by the society of its time) show a sense for the care taken over detail, craft pieces of minute care and surroundings of luxury. The wall clocks, the porcelain vases, the silverware, the screens and desks that are still objects which possess some status, as well as the paintings and sculptures by masters from different periods show an eclectic view, made real in the decision to acquire, revealing a spirit for collecting that was aware of the need to broaden and complete his different collection.

This house was a dwelling, hands stroked tables and chairs, bodies touched and books were opened. The presentation of a once-lived space, later turned into an exhibition space, has led me to create a series of works in an autonomous discourse. Their placement in this space confronts the possible paths and the rooms in which they are. The visitor's wandering vacillates between the impertinence of the intruding objects and the stability of those thus consecrated as such. In a process of interfering communion with the stability of the museological demonstrating there is this intimately dependent dialogue of our gaze.

And it is this dialogue that led me to think of Grünewald. The painting produced by Matthias Grünewald (1470-1528) is extremely expressive and dramatic, paradoxically theatrical and on occasion static. He uses colour in a broad palette, exploring strong contrasts or tones, as expressive as they are in the drawing. In the scenes he depicts I find pieces of a puzzle in which the characters represent a staging through gestures and sight. From the inside of his painting appear meanderings that do not directly touch the spectator but which inevitably place him as an element in the image. As we try to understand why certain gazes do not meet our own we are allowed to penetrate the inside of the painting. In this confrontation with the other's gaze we try to see if it comes to ours. But it is the askance or dissimulated gazes that progressively lead to "eye to eye". The supposition that the painter portrays himself in his work (opinions are divided, as little is known about his life) may lead us to another state, to that of contact with the painter within his own painting. I recall the book "After Nature" by W.G. Sebald, in which in the first poem of the trilogy he deals with the life and work of Grünewald.

*The face of the unknown
Grünewald emerges again and again*

*Long before that time
pain had entered into the pictures.*

*the degrading of life goes on
slowly, and between the glance
and his holding of the brush*

The immersion in the space of what is represented, whatever are the techniques and supports used, takes place in the intimate relationship between the person who sees, inside and outside of the painting.

Going from the painting to the space where it exists is the next move. The exhibition space is the product of the crossing of gazes and feelings of the imagined parallel universe that is discovered in a painting. It is a giant pictorial space, full of details into which there penetrates an unknown "path to the world that no one took except the man who vanished without a trace."

PEDRO CALAPEZ, 2018

